

Sufrimento e Identificação no Neoliberalismo: os batalhadores brasileiros e a "virada conservadora" nas eleições presidenciais de 2018

Mayla Di Martino*
Christian Ingo Lenz Dunker**

RESUMO

O artigo promove uma (re)descrição psicanalítica do sofrimento sob o neoliberalismo, especificamente o sofrimento provocado pela mudança de posição de classe no Brasil no período de 2007 a 2014 entre aqueles que vem sendo chamados de "nova classe média" ou de "batalhadores brasileiros". Os autores mostram descompassos, em termos de gramáticas sociais de reconhecimento, no processo de subjetivação da nova posição social. Tais lacunas originaram quatro modalidades de sofrimentos, relativos à exploração de gênero, à precarização do trabalho e sua orientação para o consumo, ao conflito de gerações e aos cuidados estéticos com o corpo. Sofrimentos que culminaram na participação de muitos na "virada conservadora" das eleições presidenciais de 2018.

Palavras-chave: IDENTIFICAÇÃO; NOVA CLASSE MÉDIA; CONSERVADORISMO; POPULISMO.

Suffering and Identification under Neoliberalism: the new middle class and the rise of right-wing populism in Brazil

ABSTRACT

The article advances a psychoanalytic (re)description of suffering under neoliberalism, specifically that caused by the change in class position in Brazil in the period from 2007 to 2014 amongst the "new middle class" or the "Brazilian battlers". The authors show the existence of mismatches, in terms of social grammars of recognition, in the process of subjectivation of this new social position. Such gaps gave rise to four types of suffering, related to gender exploitation; the precariousness of work and its orientation towards consumption; generational conflict and the aesthetic care for the body. Sufferings that culminated in the participation of many in the "conservative turn" of the 2018 presidential elections.

Keywords: IDENTIFICATION; NEW MIDDLE CLASS; CONSERVATISM; POPULISM.

Souffrance et identification dans le néolibéralisme: la nouvelle classe moyenne et le "tournant conservateur" aux élections présidentielles de 2018

RESUMÉ

L'article propose une (re)description psychanalytique de la souffrance sous le néolibéralisme, en particulier celle provoquée par le changement de position de classe au

* Pós-doutora pelo Departamento de Psicologia Clínica do Instituto de Psicologia da USP. Mestre em Ciências Políticas (London School of Economics).

E-mail: mayladimartino@me.com

Orcid ID: <https://orcid.org/0009-0002-8348-4655>

** Professor Livre Docente do departamento de Psicologia do Instituto de Psicologia da USP (IPUSP).

chrisdunker@usp.br

Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0001-7335-4551>

Brésil entre 2007 et 2014 parmi la « nouvelle classe moyenne ». Les auteurs montrent l'existence d'inadéquations, en termes de grammaires sociales de reconnaissance, dans le processus de subjectivation de cette nouvelle position sociale. Ces écarts ont donné lieu à quatre types de souffrances, liées à l'exploitation de genre; la précarité du travail et son orientation vers le consumérisme; le conflit générationnel et le soin esthétique du corps. Des souffrances qui ont culminé avec la participation de nombreux au « tournant conservateur » de l'élection présidentielle de 2018.

Mots-clés: IDENTIFICATION; NOUVELLE CLASSE MOYENNE; TOURNANT CONSERVATEUR; POPULISME.

Introdução

Entre 2003 e 2013, uma combinação sem precedentes de crescimento econômico e políticas de inclusão social levou cerca de 30 milhões de brasileiros a cruzar a linha divisória que impedia os mais pobres de terem acesso a diplomas universitários, empregos formais e ao mercado de consumo. O retrocesso dessa onda impulsionou a eleição de Jair Bolsonaro em 2018, quando, paradoxalmente, os votos de uma classe social que avançou sob os auspícios do governo do Partido dos Trabalhadores desaguaram em uma maré conservadora (Paulino & Janoni, 2018).

Especialistas em populismo têm enfatizado as interseções entre múltiplas dimensões de identidades que são geralmente minimizadas por abordagens teóricas racionalistas, focadas em estruturas econômicas ou morais que negligenciam tanto a dimensão antagônica da política quanto o papel das paixões na formação de identidades políticas coletivas. De acordo com essa crítica, a ascensão de partidos ou movimentos populistas de direita nas democracias ocidentais ao longo das últimas décadas pode ser parcialmente compreendida pelo fato de terem sido capazes de oferecer uma saída para o reconhecimento social de novas formas de identificações coletivas (Mouffe, 2005).

O presente artigo adota uma perspectiva psicanalítica para investigar tal contradição e, de modo mais geral, analisar os efeitos do deslocamento de identidades ocasionado pelas transformações econômicas ocorridas nas últimas duas décadas no Brasil. Para tanto, conta com um extenso corpus de narrativas de pessoas que migraram da pobreza entre 2007 e 2014, os integrantes da chamada “nova classe média” ou, ainda, os “batalhadores brasileiros” (Souza, 2010).

Adotamos a noção freudiana de sofrimento (*Leiden*) (Freud, 1930/1991; Dunker, 2015) para traduzir os sentimentos de mal-estar e indeterminação produzidos pelas transformações na posição de classe. Com base nos estudos de Axel Honneth, partimos do pressuposto de que uma classe social, menos que uma posição no circuito de consumo e produção, é definida por um lugar de reconhecimento de identidades e pela possibilidade de sustentar tal gramática de reconhecimento (Honneth, 2003). Assim, propomos o referencial analítico da *modalidade de sofrimento* como meio de elucidar como os valores sociais e os códigos culturais podem convergir para produzir identificações que definam, ao final, quando e por que alguém participa de uma determinada gramática de reconhecimento social. Dessa forma, pudemos discriminar, na trajetória dos batalhadores brasileiros, a emergência de modalidades específicas de sofrimento relacionadas à condição de transição de classe social. Os achados mostram que, em alguns casos, o sofrimento encontrou expressão em um sentimento de dissolução da unidade egoica, levando a uma tendência a questionar a validade de novas identificações como modos de existência e produção de si. Em outros casos, o sofrimento foi vivenciado como uma ameaça à própria identidade em decorrência da violação dos

contratos sociais estabelecidos, levando os batalhadores brasileiros a expressarem sentimentos de insegurança e desconfiança.

Lógicas de identificação: identificações coletivas verticais ou horizontais

Em “Psicologia de Grupo e a Análise do Eu”, Freud ampliou as fronteiras do Eu para abranger identificações que vão além do círculo familiar, ou seja, do Complexo de Édipo (Freud, 1921/1991). Nessa obra seminal, afirmou que as identificações horizontais entre os sujeitos são continuamente reforçadas por meio da colocação do mesmo objeto - que pode ser uma pessoa carismática, um traço estético ou mesmo uma regulação moral - no lugar do Ideal do Eu. Por meio deste modelo, Freud anteciparia o *modus operandi* dos fascismos, esclarecendo por que a identificação pode levar à submissão, à criação de inimigos por meio de mecanismos paranoicos, à perda de capacidade judicativa, à agressividade e repressão da sexualidade, entre outros tipos de comportamento.

Mais tarde, o psicanalista Jacques Lacan sublinhou que as identificações precisam ser continuamente substituídas e confirmadas. Sua alegoria do estádio do espelho ilustrava que o conceito freudiano de Eu é uma construção formada por um composto de identificações especulares estabelecidas em uma idade muito precoce, respondendo, por isso, pela ideia subjetiva de autoimagem e transmitindo a sensação - ilusória - de unidade do Eu (Lacan, 1949/1998). Posteriormente, Lacan sustentaria que o sujeito, sendo produzido pelos efeitos da linguagem, tenta suspender a indeterminação e reforçar a unidade egoica por meio de novas identificações. Tal estratégia, ele acreditava, seria em última análise infrutífera, visto que a indeterminação - *méconnaissance*, no vocabulário lacaniano - é inerente à “falta constitutiva” do sujeito. Consequentemente, (re)conhecer-se na própria relação com a falta constitutiva e transformar os aspectos dessa relação seria o desafio intrínseco a todo término de tratamento psicanalítico, que Lacan tratou como “atravessar” a fantasia (Lacan, 1966-1967).

Ainda não se deu, no entanto, a devida ênfase à ideia de que a teorização de Lacan torna possível recorrer a diferentes lógicas de identificação na análise dos fenômenos individuais e coletivos. Em outro lugar, Dunker apontou que uma crítica psicanalítica das identificações deve considerar a distinção entre grupos, massas e classes. Pós-freudianos como Bion (grupos de trabalho), Pichon-Rivière (grupos operativos orientados para tarefas) e Lacan (transferência de trabalho) chamaram a atenção para o poder produtivo das identificações horizontais construídas na transferência e organizadas em torno de demandas; um modelo profícuo para as chamadas identificações simbólicas (Dunker, 2018: 221; Safatle, 2020). Grupos que operam por demanda ou transferência podem ser menos dependentes da necessidade de reforço contínuo de identidades, um processo alienante, narcisista e voltado para o reforço da dependência e da submissão. Como tal, a diferenciação entre modos de alta e baixa densidade de identificações coletivas indica que este último tipo de identificação oferece menos ameaças aos regimes democráticos. Ainda mais importante, porém, para nossos propósitos é o fato de que a distinção proposta abre caminho para a incorporação de alguns dos *insights* dos teóricos do reconhecimento à nossa crítica psicanalítica das identificações.

Sugerimos que tipos de *identificação de alta densidade* produzem identidades erigidas em uma antropologia dependente da incorporação hobbesiana da lei equivalente ao contrato social de Freud em “Totem e Tabu”, segundo a qual o âmbito da ação social engloba a luta pela preservação da identidade física e é representada como uma luta sempiterna pela autoconservação (Freud 1913/1991). Este paradigma totêmico da lei também é de inspiração kantiana, uma vez que sua normatividade é estabelecida por

poucos, que se perguntam pelos padrões aceitáveis para todos os membros de uma comunidade.

Por outro lado, os tipos de *identificação de baixa densidade* são baseados em uma teoria do reconhecimento que segue uma rota hegeliana. Aqui, a identidade é adquirida por meio de um processo intersubjetivo de reconhecimento mútuo, levando em consideração uma abordagem histórica que abarca os conflitos entre aspirações de universalidade e singularidade. Baseia-se numa lógica que, a partir de certo ponto da história, passa a estar intimamente integrada à dialética da dependência e do desamparo primitivos de que partimos no círculo familiar e aos conflitos que surgem à medida que nos integramos em formas secundárias de socialização:

Porque somos socializados em uma ordem de reconhecimento específica, nós também internalizamos (através da troca com e através da “visão” de outros) um dado espaço de razões (históricas) que moldam nossa identidade prática e nossas expectativas normativas decorrentes dessa identidade. (Mattias, 2019)

Em nossa pesquisa, interpretamos a trajetória dos batalhadores brasileiros como uma narrativa de transformação, uma vez que engloba um processo coletivo de internalização de (ou identificação com) uma nova posição social. Também tentamos distinguir entre identidades sociais ancoradas em tipos de identificação de baixa e alta densidade. O objetivo é identificar expectativas normativas sobre formas secundárias de socialização decorrentes dessas distinções. Nossa conjectura é que expectativas diferentes, quando confrontadas com uma gramática de reconhecimento socialmente dominante, podem produzir clivagens ou desajustes nos processos de subjetivação de uma posição social durante a transição da condição de pobreza para a classe média. Dito de outro modo, de acordo com a terminologia que apresentaremos na seção seguinte, nossa hipótese é que a subjetivação de uma nova posição de status social altera a relação entre mal-estar e sofrimento, dando visibilidade a sintomas que antes apareciam como partes integrantes, necessariamente suportáveis, de uma forma de vida.

Do mal-estar ao sofrimento: a subjetivização de uma nova posição social

A nova configuração do capitalismo no final do século XX, com a ascensão global do neoliberalismo e o aumento da mobilidade social e cultural, já deu origem, na teoria social, à busca de um léxico que incorpore dimensões subjetivas ainda não reconhecidas no uso vernáculo da política, tais como “sofrimento” (Bourdieu, 1993/2007; Dejours, 1999; Laval & Dardot, 2016), e “preariado”, em lugar de proletariado (Standing, 2014). A tradição crítica da ideologia também sugeriu a formulação de uma nova gramática capaz de (re)descrever as transformações nas formas de vida, retirando da invisibilidade os antagonismos sociais presentes nas sociedades capitalistas contemporâneas (Zizek, 1996). Um exemplo é a tentativa de recuperar e problematizar as distinções entre classes sociais em termos de uma teoria do reconhecimento (Honneth, 2009).

Seguimos a proposta de Honneth de deslocar a noção de classe social dos domínios do consumo e da divisão do trabalho, relocando-a como lugar de reconhecimento de identidades e, como tal, para um campo limítrofe aos domínios da psicanálise. Como passo seguinte, nossa pesquisa vislumbrou analisar a posição de classe à luz da noção freudiana de sofrimento para ilustrar como o sistema capitalista condiciona novas formas de vida e produz modalidades invisíveis de sofrimento. Dito de outro modo, produzem sofrimentos que não são reconhecidos nem politicamente nem pelo próprio sujeito, que sofre mesmo quando não reconhece que sofre por formas de vida pré-constituídas e sobredeterminadas.

Na fase final de sua obra, Freud atribuiu status psicanalítico à noção de mal-estar (*Ünbehagen*), atribuindo sua ocorrência ao confronto perene do homem com a natureza; à inevitabilidade da morte e da decadência física; e à precariedade dos arranjos institucionais que regem as relações em sociedade (Freud, 1930/1991). Freud posicionou o mal-estar na origem do processo civilizador e, por extensão, da própria constituição neurótica do sujeito, argumentando que as estratégias culturais e institucionais de defesa contra o mal-estar impõem renúncias ou frustrações que podem causar sofrimento e formação de sintomas. Ele distinguiu o desconforto corporal, um sintoma, do desconforto moral, uma experiência coletiva de sofrimento. Toda a força e originalidade da noção de mal-estar, no entanto, reside no fato de que esta engloba tanto o sofrimento quanto o sintoma, mas não se reduz a nenhum dos dois.

Dunker sugere que o sofrimento é uma categoria pré-patológica que pode ser lida como uma forma de invenção e de resposta ao desconforto decorrente das transformações de uma época. Essa perspectiva também pressupõe que o sofrimento, para expressar-se, faz uso de uma narrativa que pode ou não estar inscrita em um determinado discurso em um dado momento histórico. Como se verá a seguir, a transformação do mal-estar em sofrimento captura o processo de sua própria inclusão em determinado discurso moral ou jurídico, clínico ou político, literário ou religioso: “sofrimentos que não cabem nos discursos constituídos muitas vezes se tornam invisíveis, depreciados da sua verdade, como uma palavra amordaçada” (Dunker, 2015: 34).

Para ilustrar melhor esse ponto, trazemos o exemplo de uma entrevistada de Teresina, cidade de 1 milhão de habitantes e uma das capitais com os piores indicadores sociais do Brasil. Este depoimento integra uma série de 180 entrevistas em profundidade realizadas em todas as regiões do país durante o ano 2011 com membros da nova classe média (Appm, 2011):

Rosana, 22 anos, mãe solteira, mora na casa dos pais. Começou a trabalhar aos 17 anos como empregada doméstica, o que ela chama de “trabalho autônomo”. Acabou de conseguir seu primeiro emprego formal e, no momento da entrevista, trabalhava como atendente em uma sorveteria. Ela sonhava em se formar em Turismo, mas, sem meios financeiros para pagar a faculdade, na época fazia um curso profissionalizante para se tornar atendente de telemarketing. Rosana reclamou da falta de tempo, principalmente para cuidar da filha de quatro anos, que “dava sinais de mudança de comportamento devido à ausência prolongada mãe”. Durante a entrevista, ela se descreveu como ansiosa e frustrada. Reconhecia as melhorias econômicas, como o primeiro emprego com carteira de trabalho assinada e a compra do primeiro carro da família. Mas, apesar de trabalhar durante o dia e estudar à noite, ainda ansiava por uma “vida de correria”: - “Sempre quis ter aquela vida profissional, aquela vida agitada, largar o emprego e ir para a Faculdade, ter que ir para a escola. Eu sempre quis passar por essa vida de correria, mas minha vida não está sendo do jeito que eu sempre quis. Tenho uma conhecida em casa, uma amiga da família. É até feio dizer, mas eu a invejo. Ela estuda Engenharia Mecânica. Fiquei de boca aberta quando descobri. Queria ser bem-vista pelos outros como ela. Acho que ela é vista como uma boa pessoa pelos colegas, pela família, e que todos se orgulham do que ela faz, do que ela estuda, de quem ela é.”

Na denegação do passado de trabalho como empregada doméstica, que Rosana descreve como “trabalho autônomo”, e no deslizamento metonímico de sentido entre “correria” e “reconhecimento social” pudemos detectar, como em vários outros exemplos colhidos na pesquisa, que a subjetivação de uma nova posição social exige um trabalho psíquico de simbolização e luto das origens de onde se partiu, bem como de construção de novos ideais e horizontes aspiracionais aos quais se pretende chegar. Mas este trabalho de subjetivação da ascensão social, uma vez realizado, nem sempre se acompanha da

assunção subjetiva do novo tipo social ao qual se pertence. Tudo depende da gramática de reconhecimento em questão e de uma narrativa que traduza a experiência vivida nos termos dessa gramática.

No exemplo da jovem de Teresina, que almeja por estudo e reconhecimento social, a forma de expressar essa articulação desejante, “uma vida de correria”, evoca uma das características da forma de vida sob o neoliberalismo, que é a aceleração vertiginosa do tempo, a qual, por sua vez, expõe o sujeito à mania ou a uma normalidade entendida como pré-patológica, uma vez que implica uma forma de adaptação ao sofrimento. Sob o neoliberalismo, o sofrimento subjetivo revela-se uma ferramenta de controle e de aumento da produtividade (Dejours, 1999).



Modalidades de sofrimento: batalhadores brasileiros, 2007-2014

A ideia de discriminar entre o surgimento de modalidades específicas de sofrimento relacionadas à condição de transição de classe social entre os batalhadores brasileiros está ancorada no esforço de construir uma metodologia que nos permita encontrar sintomas mais ou menos previsíveis para tais trajetórias de vida. A fim de construir uma tipologia do sofrimento, baseamo-nos em três condições específicas (Dunker, 2015):

Em primeiro lugar, uma estrutura narrativa capaz de traduzir as experiências de sofrimento em termos do uso universal da linguagem. Conforme demonstrado pelo antropólogo da Medicina Forrest E. Clements, as sociedades, em todos os lugares, primitivas ou modernas, desenvolveram o mesmo conjunto de cognição para definir doenças. A classificação de Clements distingue quatro mecanismos de formação de doenças, vistos como resultado ou efeito atribuído a fatores humanos, sobrenaturais ou outros fatores causais. Como tal, oferecem tramas narrativas que nos permitem situar o conceito de sofrimento de Freud em quatro categorias universais: (a) a alienação da alma, (b) a violação de pactos, (c) a dissolução da unidade do espírito e (d) a intrusão de um objeto externo (Clements, 1932).

O segundo e o terceiro aspectos metodológicos de nossa classificação dependem de escolhas epistêmicas relacionadas ao conceito de identificação e à teoria do reconhecimento. Ao contrário da noção de mal-estar, que se caracteriza por seus traços genéricos e dificuldade de nomeação, o sofrimento é uma experiência social alicerçada na articulação entre uma demanda e uma identificação. Assim, podemos supor que o sofrimento pode ser nomeado por meio de uma identificação antes de ser, finalmente, reconhecido. Por sua vez, a crítica das identificações avançada anteriormente (Seção 2)

diferencia duas lógicas – identificação de alta densidade e identificações de baixa densidade - que determinarão os pré-requisitos para a construção de uma gramática de reconhecimento.

O quadro abaixo discrimina os tipos de sofrimento que detectamos entre os batalhadores brasileiros em termos das condições metodológicas assumidas neste trabalho:

Modalidades de sofrimento entre os batalhadores brasileiros (2007-2014), relacionadas aos elementos que embasaram a classificação.

MODALIDADE DE SOFRIMENTO (Brasil 2007-2014)	1.NARRATIVA (Clements, 1932)	2.TIPO DE INDENTIFICAÇÃO	3.GRAMÁTICA DE RECONHECIMENTO
SOFRIMENTO DE SI	Dissolução da unidade do espírito	Baixa densidade	Indeterminação (paradigma histórico da lei)
SOFRIMENTO INTERGERACIONAL	Violação do Pacto	Alta densidade	Determinação (paradigma totêmico da lei)
SOFRIMENTO DE ALIENAÇÃO NO CONSUMO	Alienação da alma	Baixa densidade	Indeterminação (paradigma histórico da lei)
SOFRIMENTO DE GÊNERO	Intrusão de um objeto externo	Alta densidade	Determinação (paradigma totêmico da lei)

"Sofrimento de si"

O "sofrimento de si" remete ao “cuidado de si” (Foucault, 1982) e é uma denominação que visa captar os sentimentos de incerteza sobre quais valores estéticos podem ser atribuídos como prova de pertencimento a uma determinada classe social. Uma ilustração encontra-se no estudo sobre hábitos de consumo e representação social da nova classe média brasileira realizado por Natália Rocha, onde a autora revela, de forma confessional em sua dissertação de mestrado, os próprios sentimentos de desconforto por estar incluída entre os integrantes da classe social emergente. Em 2013, a Fundação Getúlio Vargas classificou como nova classe média as famílias brasileiras com renda familiar mensal variando de R\$ 1.200 a R\$ 5.174,00, aproximadamente \$ 490,00 a \$ 2.500, pela taxa de câmbio da época:

Quando comecei a pesquisa, não aceitava a ‘nova classe média’ porque estaria incluída nela e não me reconhecia assim, nem como classe média, nem como consumista. Eu estava, sim, em uma posição melhor que a anterior, alçando conquistas financeiras e realizações pessoais num conjunto de esforço individual e oportunidades oferecidas pelo Governo e pelo mercado. Meu senso crítico me levava a questionar os critérios de classificação econômica e potencial de consumo porque eu sabia que mil reais é pouco para passar bem o mês, é pouco para se incluir no mundo da informação e da cultura. E o meu ressentimento de pobre, de quem teve poucas oportunidades na vida, me levava a questionar o perfil consumista de quem está alcançando melhores condições financeiras – seria algum pecado comprar roupas novas e aparelhos eletrônicos ou viajar usando o [parcelamento do] cartão de crédito? Será que eu deveria comprar um livro de literatura clássica em vez de ir a um salão de beleza? (Rocha, 2013, p. 110)

O conflito interno sobre ir ao salão de beleza, comprar roupas novas - cuidar de si - e fazer uma viagem ou ler um livro clássico - adquirir cultura, ou “distinção”

(BOURDIEU, 1979/1993) - espelha o debate acadêmico sobre os critérios que definem a classe média: materialista (renda / consumo / produção) versus imaterial (cultura / valores). É como se os recém-chegados nunca soubessem “onde estão” ou “que horas são”, como se estivessem sempre atrasados ou endividados (Dunker, 2015: 91). Segundo Sennet, tal indeterminação é um sentimento específico de modernidade, e se traduz nas chamadas ansiedades de status: “Enquanto existe uma elite capaz de autoconfiança, que não precisa se preocupar com aparências, os pequenos estão sempre sobrecarregados pelo sentimento de que têm de conquistar o seu lugar ao sol” (Senett, 2003:278; *Inglês no original*).

Sofrimento intergeracional

O sofrimento intergeracional retrata conflitos na família que foram observados quando os membros da nova geração se tornaram mais bem-sucedidos do que seus pais, originando reações como culpa filial, por um lado, ou ressentimento, por outro, à medida que os genitores sentiam que seu modo de existência estava sendo negligenciado (Dunker, 2015: 91; Rocha, 2013).

Esse tipo de sofrimento envolve indivíduos com “dupla pertença”, segundo o termo cunhado por pesquisadores da sociologia clínica para definir crianças em situação melhor do que a família de origem. Nesses casos, as contradições sociais que caracterizam as relações de classe atravessam a identidade dos indivíduos e se reproduzem no sistema familiar (De Gaulejac, 2014). Aqui, os conflitos vividos por indivíduos que mudam de posição de classe ecoam, na esfera psíquica, os conflitos edipianos e suas contradições de desejo inconsciente, gerando sentimentos de culpa e ansiedade:

Embora todos os entrevistados se definam como gente simples que ama a vida do jeito que ela é, a geração mais nova quer mudar. Quer estudar e morar fora do país, possuir muitos bens e ter uma condição econômica muito além do que tem no momento. Os planos dos mais antigos são mais humildes e estão intimamente ligados à família, ao estar perto da família e ao dar o melhor para a família. Os mais novos são individualistas e ambiciosos:

- Ele [o meu filho] fala assim: ‘Deus me livre mãe, eu nunca vou me conformar com essa vida que você e meu pai levam, uma vida assim: meu pai com esse carro velho e é conformado, minha mãe com essa casa toda mal-feita’. Meu filho fala isso para mim, acredita? (Rocha, 2013, p. 89)

Ou ainda:

Uma ansiedade que tenho é que possa acontecer alguma emergência. Se eu ficar doente, se acontecer um acidente, vou depender financeiramente da minha filha. Isso vai ser um grande fardo para ela. Meu marido trabalha para pagar as contas, não podemos economizar dinheiro. Qualquer coisa inesperada dá a sensação de que o chão está se abrindo. (Mulher, São Paulo/Datapopular, 2013)

Sofrimento de Alienação

A terceira modalidade, “sofrimento de alienação”, relaciona-se à decadência da centralidade do trabalho como organizador de identidades coletivas e ao surgimento de novas identificações privilegiadamente orientadas por experiências de consumo. Esse tipo de sofrimento diz respeito aos padrões de referências morais e sentimentais desenvolvidos entre os batalhadores brasileiros à medida que o nível de engajamento e planejamento necessário para a inscrição em uma gramática de reconhecimento, ancorada

em uma narrativa de trabalho, deu lugar à infiltração de novos valores, que precisavam ser apropriados subjetivamente.

O alto nível de consumo em proporção à renda auferida e, conseqüentemente, a pequena capacidade de poupança dos batalhadores brasileiros, tem levado alguns especialistas a argumentar que a nova classe média não se diferencia da classe trabalhadora tradicional. Na definição de Marcio Pochmann (2012), por exemplo, o que distingue os pobres da classe média é o fato de que os primeiros não poupam, mas gastam tudo o que ganham. Mas a maioria das análises sobre os hábitos dos batalhadores brasileiros tem interpretado tais padrões de consumo principalmente em termos de investimento, ou seja, como oportunidades que se traduzirão em ganhos futuros, e, entre estes, o reconhecimento social (Souza, 2010; Neri, 2011; Abilio, 2014; Meirelles & Athayde, 2014). Embora a disposição de comprar possa envolver uma estratégia de planejamento e adiamentos, a característica mais marcante é a amplitude do que se considera prioritário, que vai desde os altos custos dos gastos com educação à compra de produtos de higiene:

Os valores acumulados no mês pagam, para alguns, a mobília do novo apartamento ... Há também o dinheiro que paga o freezer, a faculdade ou a roupa nova. Nada considerado supérfluo. Todos esses itens, de certa maneira, são considerados como investimentos. É a comida que dura mais, é o conhecimento que constitui passaporte para o crescimento profissional, é o visual renovado que abre portas na sociedade. (Meirelles & Athayde, 2014, p. 65)

E também:

[...] as mães zelosas, que movem mundos e fundos para obter os melhores produtos para seus filhos, especialmente nas áreas de alimentação, higiene pessoal e medicamentos. Segundo esse raciocínio, vale adiar o passeio dominical, e, com o recurso poupado, adquirir aquele ótimo xampu que hidrata, restaura e perfuma. Afinal, segundo esse pensamento, o importante é que o menino se apresente asseado, belo e cheiroso na escola. Tarefa prioritária: evitar a todo custo o bullying e a rejeição nos ambientes de trocas sociais (Meirelles & Athayde, 2014, p. 69)

Após a crise econômica global de 2008, o governo Lula da Silva fortaleceu seu modelo econômico, enfatizando o acesso ao crédito, a redução de impostos e o estímulo ao consumo. Concomitantemente ao aumento dos incentivos ao crédito e ao consumo, as pesquisas dos institutos de opinião pública realizadas entre membros da nova classe média constataram um sentimento crescente de estranhamento do próprio ato de consumir, como se os entrevistados se esforçassem para discernir se estavam comprando com o objetivo de fazer 'investimentos', por necessidade, ou por puro consumismo:

Seguimos muito a moda, continuamos preocupados com o que os outros vão pensar de nós, então esquecemos dos outros valores da vida. Acho que tenho um fanatismo por comprar, adoro fazer compras, mas já faz algum tempo que tenho me preocupado, tenho procurado ser mais cauteloso com as compras. (Homem, classe C, capital, Ceará/ APPM, 2011)

O primeiro investimento que fiz com o crédito que tinha foi para tirar a carteira de motorista ... depois comprei mais coisas para a casa, mudei o quarto de dormir, comprei outra cama, um guarda-roupa novo, um computador. O crédito é mais fácil agora. Mas, antes, lembro que meu pai não comprava nada financiado, nunca comprava. Hoje, às

vezes, a gente compra só porque tem cartão de crédito na mão, porque é fácil - embora os juros sejam altos (Mulher, classe C, interior, Minas Gerais/ APPM, 2011).

"Sofrimento de gênero"

A quarta forma de sofrimento que encontramos diz respeito à feminização da cultura e refere-se à adaptabilidade à precarização das condições de trabalho no neoliberalismo.

Feminização alude à mudança qualitativa nas relações sociais decorrente do aumento expressivo da presença feminina no cenário econômico. Outro uso do termo feminização vem da sociologia e é sinônimo de precarização das condições de trabalho: falta de perspectivas de carreira, trabalho em tempo parcial ou temporário; perda de propósito de trabalho; controle rígido e submissão (Abilio, 2014; Nogueira, 2009; Hirata, 2002). Sendo assim, são ocupações precárias também no sentido de que não favorecem a construção de identidades de trabalho (Standing, 2013). Embora homens e mulheres participem dessa nova lógica das relações de trabalho, a vulnerabilidade social do gênero feminino é citada como fonte adicional de sofrimento: mulheres menos protegidas por lei em suas especificidades de serem mães, trabalhadoras e responsáveis pela maior parte do trabalho doméstico, e menos protegidas por sindicatos (Hirata, 2002: 144).

Identificamos a maior resiliência ao sofrimento, físico e psicológico, das mulheres da nova classe média, fenômeno que seria entendido na literatura acadêmica como masoquismo feminino (Abilio, 2014), mas que preferimos diagnosticar como adaptabilidade ao sofrimento sob o neoliberalismo (Dejours, 1999). Sugerimos denominar essa modalidade de "sofrimento de gênero" porque, de acordo com os exemplos que pudemos coletar, ela se refere não apenas ao sexo biológico, mas aos estereótipos e expectativas comportamentais de gênero.

Algumas análises observaram que a predominância de pessoas com maior vulnerabilidade social no setor de telemarketing é enviesada por gênero: estima-se que, no final da década de 2010, em média, quase 70% das pessoas recrutadas eram mulheres e segmentos da população que tendem a ser socialmente discriminados, como homossexuais e transexuais. Vulnerabilidades que, segundo algumas hipóteses, ajudariam a explicar a resiliência desses grupos ao sofrimento: mulheres, que são atraídas para esses empregos o trabalho devido ao horário regulamentado de trabalho que permite conciliar o trabalho com o cuidado familiar, além de homossexuais e transexuais, que enfrentam discriminação na procura de trabalho (Venco, 2009; Nogueira, 2009). Na verdade, o trabalho em telemarketing é paradigmático de sofrimento de gênero: aqui, os funcionários, 1,4 milhão em 2014, todos pertencentes à nova classe média / batalhadora (Venco, 2009), enfrentam uma espécie de submissão marcada por quase nenhuma pausa, controle rígido de todas as ações e discursos, e acompanhamento, por meio da tecnologia, do desempenho de cada trabalhador. Trabalho que gerou sintomas específicos segundo estudos epidemiológicos - 39% dos trabalhadores sofreram de doenças musculares por esforço repetitivo, 25% perda auditiva ou vocal e 27% sofreram de ansiedade e distúrbios psíquicos (Cavallini, 2012):

Sheila perdeu a voz no dia 27 de dezembro, às 10h45, quando falava ao telefone com o senhor Lauro. "Eu estava com o cliente na linha e minha voz começou a sumir. Tossi um pouco e disse: "Acho que estou ficando rouca, senhor Lauro, estou resfriada, ou então estou muito nervosa com o senhor". Ela encerrou a conversa, indicou no computador que faria uma pausa e foi ao médico da empresa. No dia seguinte, ela acordou sem voz. Desde então, Sheila tem enfrentado uma disfonia funcional - causada pelo uso excessivo da fala - que consumiu 75% de seu timbre vocal. "As pessoas não

reconhecem minha voz ao telefone”, diz ela. “Quando alguém perde o timbre da voz, perde a identidade. Foi o meu caso” (Barbara, 2006).

Traduzindo narrativas do sofrimento nos termos das gramáticas de reconhecimento: sofrimentos identitários e não-identitários

Pelos achados apresentados nas seções anteriores, é possível observar que, no caso empírico dos brasileiros que deixaram de ser pobres e passaram a ser de classe média, a transição social pode ser traduzida como uma mudança de status econômico, mas também como uma mudança na modalidade de sofrimento: enquanto na vivência da pobreza consegue-se determinar a causalidade do sofrimento, no cenário da nova classe média essa experiência fica suspensa.

Nas categorias que rotulamos como “*sofrimento de si*” e “*sofrimento de alienação*”, a passagem de uma situação de pobreza para a classe média implicou que referências emblemáticas como a família e o Estado, identidades simbólicas como “minha cultura”, “minha língua” ou “meu trabalho”, isto é, representações que constituem uma unidade, fossem interrompidas. Dessa forma, o sofrimento não resulta da mudança de uma cultura para outra, ou da mudança de um lugar para outro. Isso porque esse paradigma de reconhecimento está ancorado em identificações do tipo de baixa densidade (paradigma histórico), gerando uma gramática de reconhecimento marcada pela indeterminação. Nos exemplos da estudante universitária que luta para se identificar como integrante da classe média, ou dos indivíduos que questionam seus padrões de consumo (investimento x consumismo), não existem modelos definitivos que facilitem a subjetivação de identidades secundárias e sua respectiva inscrição em uma gramática de reconhecimento que abranja algo tão fluido e ambíguo quanto o próprio conceito de uma nova classe média. Assim, o sofrimento ocorre porque a (ilusão de) unidade egoica é desmantelada, o que remete a uma ideia de difusão, de fragmentação, de desfazimento do Um. Essa causalidade de sofrimento é retratada na narrativa de Clements como a “alienação da alma” e o “desfazimento da unidade do Espírito”. Nessas condições, nosso modelo prevê uma fenomenologia dos sintomas associados ao surgimento de experiências de perda de identidade e de estranhamento com relação aos outros.

Por outro lado, nas categorias de “*sofrimento intergeracional*” e “*sofrimento de gênero*”, a transição da pobreza para a classe média implica uma transgressão, em sintonia com as ideias retratadas na narrativa de Clements como “quebra de tabu” e “violação de pactos”. As referências simbólicas são violadas quando os indivíduos cruzam fronteiras para diferentes arranjos culturais e formas de vida, como se tivessem ingressado em um território regido por novas leis. Nesse caso, o indivíduo é confrontado com identificações de alta densidade (totêmica), constituindo gramáticas de reconhecimento fundadas na determinação, onde há pouco espaço para o reconhecimento mútuo, ou para a dialetização de novas e velhas identificações, uma vez que o paradigma operacional está ancorado na preservação da integridade física e psíquica. Nos exemplos da feminização da força de trabalho como processo de adaptação à precarização do trabalho e do conflito intergeracional entre pais e filhos, o sofrimento decorre da crença de que a subjetivação de um novo status social implica esforços de abandono da identificação anterior à mudança de posição social. Nesta categoria, o sofrimento é vivenciado como uma transgressão do Eu, gerando sentimentos de culpa, insegurança e medo de abandono.

Sofrimentos não-identitários: em busca de um paradigma histórico da lei na psicanálise

Nossos achados nos levaram a antecipar a necessidade de uma conceituação alternativa do sofrimento como uma espécie de fronteira móvel, além da teoria do sofrimento como violação da lei. Esse tipo adicional de sofrimento implica que existem formas de vida que não estão totalmente inscritas no paradigma totêmico: proibido - prescrito. Partindo desse ponto, nossa proposta nesta seção é incorporar em nossa metodologia outra compreensão da lei na teoria psicanalítica; ao lado do paradigma antropológico ("Totem e Tabu"), incluir um paradigma histórico ("Mal-Estar na Civilização").

O paradigma canônico da inscrição da lei na psicanálise foi desenhado na teoria do Complexo de Édipo e posteriormente inscrito por Freud em "Totem e Tabu". É um paradigma alicerçado no mecanismo de repressão (*Verdrängung*). Uma década depois, em "Mal-Estar na Civilização", Freud enfatizaria, porém, outro modelo ancorado no mecanismo psicológico da sublimação (Metzer & Silva JR., 2010) e cujo mecanismo operacional pode ser encontrado na teoria do trauma, mais precisamente, do encontro traumático com a sexualidade.

É importante notar que a teoria freudiana do trauma, da sexualidade como trauma, estabelece, desde o início, uma fronteira (*Grenze*) em que o que vem de fora e o que vem de dentro, o que vem de si e o que vem de fora, fazem parte de uma experiência de indeterminação. Como aponta o psicanalista Christian Hoffman, quando Freud se interroga sobre o "sentimento de si", no texto do "Mal-Estar na Civilização", ele apresenta a ideia de que a autonomia do Eu é enganosa, pois se estende por fronteiras indefinidas no inconsciente pulsional, e sugere a noção de que não existe uma fronteira clara e nítida entre o Eu e o mundo externo (Hoffman & Costa, 2014). Em suma, no início da vida, a oposição entre o "Eu-prazer" e o objeto (o seio perdido) empurra o Eu (ainda incipiente) para o reconhecimento do mundo exterior e, assim, para o reconhecimento dos limites do gozo ilimitado: o "sentimento oceânico" ou "sentido de eternidade", a que se refere por Freud em "Mal-Estar na Civilização" (Freud 1930/1991: 251-255). Aqui está o trauma: uma erupção de algo que faz com que o Eu crie fronteiras, crie barreiras, um esforço de separar o Um com relação ao outro que gera um processo de repetição (se, por um lado, a repetição aumenta o sofrimento, por outro lado, pela repetição implanta-se precisamente um processo que tenta curar a "ferida" psíquica ou trauma).

Nesse ponto, a ideia de fronteira (*Grenze*) torna-se crucial, pois abre caminho para a conceituação do sofrimento sob a égide de um modelo onde as fronteiras são delimitadas: até aqui, "nós"; daqui para lá, "eles". Isso é diferente de conceber o sofrimento quando essa fronteira está "delimitada incorretamente", na versão em inglês do texto freudiano, ou "sem limites nítidos" (*ohne scharfe Grenze*), nas palavras textuais de Freud em "Mal-Estar na Civilização" (Freud 1930/1991: 25).

Este segundo significado muda radicalmente a compreensão causal de certas formas de sofrimento, que estamos chamando de modalidades *não-identitárias* de sofrimento. Em outras palavras, não supõem que se saiba desde o início "quem somos nós" e "quem são eles", "onde estou" e "onde está o outro", de modo que as relações de troca material ou simbólica operam a partir de limites bem delimitados. Nos tipos de sofrimento *não identitário*, esperamos que o mal-estar seja sentido na forma de desajustamento, sensação de vazio e tendência à anomia social. Nos tipos de *sofrimento identitário*, porém, supomos que o mal-estar ocorra na forma de desconfiança, sentimento de solidão e insegurança social, como mostra o quadro abaixo:

MODALIDADE DE SOFRIMENTO (Brasil 2007-2014)	1.NARRATIVA (Clements, 1932)	2.TIPO DE IDENTIFICAÇÃO	3.GRAMÁTICA DE RECONHECIMENTO	4. TIPO DE SOFRIMENTO	5.SINTOMAS
SOFRIMENTO DE SI	Dissolução da unidade do espírito	Baixa densidade	Indeterminação (paradigma histórico da lei) "Mal-Estar na Civilização"	identitário	insegurança social, desconfiança, sentimento de solidão, sensação de ameaça, medo de perder a unidade do ego.
SOFRIMENTO INTERGERACIONAL	Violação do Pacto	Alta densidade	Determinação (paradigma totêmico da lei) "Totem e Tabu"	não identitário	estranhamento, sensação de vazio, desajustamento, anomia social, medo de abandono.
SOFRIMENTO DE ALIENAÇÃO NO CONSUMO	Alienação da alma	Baixa densidade	Indeterminação (paradigma histórico da lei) " Mal-Estar na Civilização"	identitário	insegurança social, desconfiança, sentimento de solidão, sensação de ameaça, medo de perder a unidade do ego.
SOFRIMENTO DE GÊNERO	Intrusão de um objeto externo	Alta densidade	Determinação (paradigma totêmico da lei) "Totem e Tabu"	não identitário	estranhamento, sensação de vazio, desajustamento, anomia social, medo de abandono.

A categoria do *sofrimento não identitário* acrescenta, portanto, uma perspectiva histórica ao paradigma antropológico, totêmico, da lei na teoria psicanalítica, o qual, acreditamos, é fundamental para a compreensão dos fenômenos clínicos e sociais em tempos e ocasiões em que os limites não são totalmente traçados e em que a lei não está totalmente escrita. Estudando a trajetória de pessoas que cruzaram as fronteiras de classe social no Brasil, nossa pesquisa captou o ressurgimento de um conservadorismo político motivado por sentimentos generalizados de insegurança social (*sofrimento identitário*) e estranhamento (*sofrimento não identitário*). Este é o tema da próxima e última seção.

Afinidades eletivas? Sofrimento e conservadorismo

Nos mandatos presidenciais de Lula da Silva (2002-2010) e Dilma Rousseff (2011-2016), o surgimento de um novo grupo social saído da pobreza foi retratado na narrativa do governo como um caso de a-classe-média-chega-ao-Paraíso, e ambos os presidentes sempre se referiam a esses brasileiros como a 'nova' classe média brasileira. Essa abordagem está na raiz da maioria das críticas e diagnósticos que visam explicar a virada conservadora na política brasileira após catorze anos de governos ligados à esquerda. Argumenta-se que a propaganda governamental obscureceu a luta de classes e o fato de que o avanço das condições econômicas dos pobres só foi possível graças às políticas de Governo. Assim, conforme essa crítica, teria havido falta de politização do novo grupo social (Singer, 2018).

Alternativamente, análises recentes sugeriram que, a fim de reclamar votos perdidos nas eleições presidenciais, o Partido dos Trabalhadores deveria mudar seu vocabulário, adotando o termo "batalhadores" para se referir à classe trabalhadora e à

nova classe média. A ideia é que essa virada semântica de viés populista capturasse o espírito contemporâneo de desprezo pelos antagonismos de classe, e promovesse identificações mais alinhadas com a precariedade da condição social e econômica dos emergentes a uma suposta posição de classe média (Lago, 2021). O argumento de Singer esbarra no clássico problema marxista da falsa consciência de classe, ao passo que a análise política de Lago captura a lacuna entre a mudança social e a capacidade das instituições políticas de produzir saídas para o reconhecimento de novas identidades coletivas. Esse é um problema crucial exposto pelo populismo (Laclau, 2005; Panizza, 2005), bem como uma questão que procuramos analisar neste artigo por meio da postulação da existência de tipos de sofrimentos inerente à lacuna, observada no caso dos batalhadores brasileiros, entre mudança de posição social e a subjetivação de identidades secundárias ligadas ao novo status socioeconômico.

As 180 entrevistas em profundidade com membros da nova classe média, que compuseram a amostra reunida em nossa pesquisa, foram realizada sete anos antes da eleição de Bolsonaro (APPM, 2011). Àquela época, os dados já revelavam uma demanda crescente por aplicação da lei e maior ordem social. Também observamos um renascimento de visões moralistas sobre os costumes, muito semelhante ao clima prevalecente em 1964, quando o Brasil embarcou em duas décadas de regime autoritário, após o Golpe Militar de 1o. de abril.

Assim, além do surgimento de uma nova classe média, a pesquisa desvelou o surgimento de um novo conservadorismo: novo porque, apesar do esforço de resgate dos valores tradicionais, ressurgiu de mãos dadas com o apoio à liberalização econômica, em nítido contraste com o rígido controle estatal da economia e as políticas de substituição de importações que marcaram os anos autoritários. Os depoimentos colhidos na pesquisa revelaram que o que se esperava que fosse resgatado era muito mais a autoridade investida em instituições tradicionais como o Judiciário, escolas e igrejas, que deveriam impor limites aos excessos. A demanda política prevalecente entre os batalhadores brasileiros foi traduzida então como um desejo de fixar limites, de estabelecer fronteiras (*Grenze*):

O que se manifesta atualmente parece ser uma reação moral à situação atual de desperdício e excesso, enfim, à falta de limites, seja na ação da classe política (corrupção no governo) seja da polícia (violenta e corrupta), seja na ação individual (o excesso de crédito que estimula e ao mesmo tempo “consume” a capacidade dos recém-chegados de se manterem no jogo do mercado, ameaçados pelo endividamento excessivo). Nesse sentido, pode-se falar em “consumidores consumidos” em busca de apoio institucional contra os abusos, por exemplo, a preocupação com o uso generalizado de drogas, visto como sintoma da falta de limites na família e na sociedade em geral (APPM, 2012).

Além disso, a partir da década de 1990, a agenda política no Brasil passou a adotar políticas redistributivas de inspiração neoliberal; uma moral política baseada na meritocracia e, especialmente após a ascensão do Partido dos Trabalhadores ao poder em 2002, a ênfase em questões de proteção ao meio ambiente, igualdade de gênero, minorias raciais e liberalização sexual. As identidades tradicionais relativas a gênero, religião, família e educação deixaram de ser predominantes entre as elites culturais; mas, como os dados em nossa pesquisa demonstram, os valores pós-materiais endossados por essa agenda identitária não foram facilmente assimilados por uma parte significativa da nova classe média.

Assim sugerimos que o tipo de *sofrimento não identitário* pode ajudar a explicar a reação negativa generalizada, entre os batalhadores brasileiros, ao que viria a ser

conhecido como “ideologia de gênero” nas escolas primárias - uma iniciativa do Partido dos Trabalhadores para ensinar educação sexual apoiando uma abordagem liberal em relação à homossexualidade, entre outros tópicos. Um de nossos entrevistados expressou seus sentimentos com uma inversão surpreendente:

Acho que a discriminação são 'eles' contra 'nós', somos nós que somos discriminados. Eles podem se beijar aqui na minha frente, mas se eu beijasse minha esposa aqui mesmo, na frente de todos, eu envergonharia a mim e minha esposa (Homem, Classe C, São Paulo. APPM, 2011).

Tal narrativa pode ser lida de várias maneiras, por exemplo, como raciocínio induzido por motivações moralistas e religiosas, mas também, como sugerido neste artigo, como um tipo de sofrimento que desvela ansiedades relacionadas a um sentimento de dissolução da unidade egoica, em um contexto de indeterminação em que se tornou difícil estabelecer fronteiras entre “nós” e “eles”.

Da mesma forma, os tipos de sofrimento *identitários* podem ser responsáveis pela constatação paradoxal de que muitos dos que se juntaram à nova classe média graças a políticas redistributivas adotadas pelo Partido dos Trabalhadores tenham vindo a condenar outras iniciativas governamentais progressistas. Uma mulher, entrevistada ao longo de um período de seis anos em uma pesquisa longitudinal, sempre se destacou por creditar a melhoria contínua na condição econômica de sua família a uma incansável dedicação ao estudo e ao forte compromisso com a ética no trabalho. Embora toda a família (filha, marido e ela própria) tenha melhorado de situação econômica somente após obter diplomas universitários financiados pelo Prouni, a iniciativa governamental que concede bolsas de estudo a estudantes de baixa renda, ela condena o programa federal de auxílio em dinheiro para ajudar a sustentar famílias pobres com crianças nas escolas, o Bolsa Família, sob o argumento de que “por causa desses benefícios, muita gente não quer mais trabalhar” (Datapopular, 2013). Uma hipótese é que, entre os batalhadores brasileiros profundamente identificados com uma gramática de reconhecimento baseada em valores meritocráticos, o *sofrimento identitário* deu visibilidade a sentimentos de insegurança e ao temor de ter sua identificação social 'meritocrática', ameaçada por um contrato político baseado em políticas redistributivas e afirmativas, como transferência de renda em programas sociais e a adoção de cotas raciais para a admissão nas universidades financiadas pelo governo.

Por fim, deve-se registrar que um marca inequívoca do descompasso generalizado entre as expectativas daqueles que fizeram a transição da pobreza para a classe média e as identificações secundárias socialmente no Brasil da era Lula-Dilma foi encontrado, em nossa pesquisa, em dados relativos à representação desse grupo emergente na grande mídia: “Falta gente como a gente, sabe? Que batalha, que sofre, que vence. Quase tudo que aparece na TV parece ser de outro mundo, principalmente nas novelas. Até os pobres da novela são mais bonitos e ricos” (APPM, 2011).

Considerações Finais

Neste trabalho, buscamos conceituar a noção de sofrimento como uma dimensão autônoma na racionalidade diagnóstica psicanalítica como se fosse uma "fronteira móvel". Como tal, em contraste com o conceito de sintoma, o sofrimento não é totalmente circunscrito pelo paradigma polar (totêmico) da lei na teoria psicanalítica.

Estudando a trajetória de pessoas que transitaram da pobreza para uma nova posição de classe identificada às classes médias, pudemos distinguir entre formas de *sofrimento identitário* e de *não identitário*. Nossa investigação descreveu a lacuna na

experiência de reconhecimento experimentada pelos batalhadores brasileiros no processo de transição de posição social e consequente subjetivação de identidades secundárias. Os sofrimentos advindos deste contexto, como argumentamos, foram capturadas pela imprecisão e aparente inconsistência de um paradigma populista durante a eleição presidencial de 2018. Além disso, o apoio político majoritário dos batalhadores brasileiros a políticos conservadores como Bolsonaro, um militar aposentado, foi interpretado neste artigo não somente como uma representação emblemática do desejo de resgatar ideias tradicionais ligadas à autoridade e a valores familiares, ou como uma tentativa de combater o mal-estar gerado pelos excessos percebidos como factuais tais como aumento da corrupção, do consumo supérfluo, da violência, do uso de drogas, entre outros. Não obstante, como tentamos demonstrar, tratou-se, sobretudo, de uma tentativa de coibir sofrimentos tais como a sensação de insegurança (medo de perda da unidade egoica) e de estranhamento (sensação de vazio), provocados pelas vicissitudes envolvidas no processo de subjetivação da transição de classe social. Deste modo, na tentativa de elucidar alguns aspectos da "virada conservadora" entre os batalhadores brasileiros, nossa pesquisa dá crédito à observação feita por algumas análises do conservadorismo como ideologia política: "não apenas os não conservadores expressam sentimentos e ideias conservadores, como as melhores expressões dessas ideias muitas vezes vêm dos não conservadores" (Mclean 1996: 105).

Referências

- Abilio, Ludmilla C. (2014) *Sem Maquiagem: o trabalho de um milhão de revendedoras de cosméticos*. São Paulo: Boitempo.
- APPM (2011) *Análise, Planejamento e Pesquisa de Mercado*. São Paulo- SP. Pesquisa sobre a Nova Classe Média Brasileira, realizado em 2011. Mimeo.
- _____. (2012) "A Nova Classe Média e o Novo Conservadorismo". Relatório de pesquisa de mercado. Mimeo.
- Baker, Darren & KELAN Elisabeth (2019) "Splitting and blaming: The psychic life of neoliberal executive women". *Human. Relations*, Vol.72(1) 69-97.
- Barbara, Vanessa. "Bom dia, meu nome é Sheila". In: Revista Piauí, 1, Outubro 2006.
- Bourdieu, Pierre (1993) *La Distinction: critique social du jugement*. Paris: Les Editions du Minuit. Originalmente publicado em 1979.
- _____. (2007) *A Miséria do Mundo*. Petrópolis: Vozes. Originalmente publicado em 1993.
- Cavallini, Marta (2012) *Dados do Sindicato da Categoria, Sintratel*. URL = <https://g1.globo.com/concursos-e-emprego/noticia/2012/10/telemarketing-emprega-14-milhao-no-pais-veja-como-e-o-trabalho-no-setor.html>. Acesso em 8 de maio de 2019.
- Clements, Forrest E. (1932) "Primitive Concepts of Disease". In: *University of California Publications in American Archaeology and Ethnology*, Vo. 32. No. 2 pp.185-252.
- DATAPOPULAR (2013) *Instituto de Pesquisas DATAPOPULAR, São Paulo-SP. Entrevistas em profundidade, de caráter longitudinal, realizadas com 4 integrantes da Classe C, na área metropolitana de São Paulo*. Mimeo.
- Dejours, Christophe (1999) *A Banalização da Injustiça Social*. Rio de Janeiro: FGV.
- De Gaulejac, Vincent (2014) *A Neurose de Classe: trajetória social e conflitos de identidade*. São Paulo: Via Lettera. Originalmente publicado em 1987.

_____. (2015) *Mal-Estar, Sofrimento e Sintoma: Uma psicopatologia do Brasil entre muros*. São Paulo: Boitempo.

_____. (2018) “Crítica Psicanalista do Populismo no Brasil: massa, grupo e classe”. In: Christian Hoffman & Joel Birman (orgs.) *Psicanálise e Política: uma nova leitura do populismo*. São Paulo/Instituto Langage/Université Paris Diderot.

Dunker, Paulon & Millan-Ramos (2017) *Análise Psicanalítica de Discursos: perspectivas lacanianas*. São Paulo: Estação das Letras e Cores.

Foucault, Michel (1984) *Le Souci de soi*. Paris: Gallimard.

Freud, Sigmund (1991) “Totem and Taboo”. In: *The Origins of Religion*. The Standard Edition of the Complete Psychological Works of Sigmund Freud; The Penguin Freud Library, Vol. 13, London: Penguin Books. (Originalmente publicado em 1913)

_____. (1991) “Group Psychology and Analysis of the Ego” In : *The Standard Edition of the Complete Psychological Works of Sigmund Freud*, Vol.12. London: Penguin (Originalmente publicado em 1921).

_____. (1991) “Civilization and Its Discontents”. In: *Civilization Society and Religion*. The Standard Edition of the Complete Psychological Works of Sigmund Freud; The Penguin Freud Library, Vol. 12. London: Penguin Books. (Originalmente publicado em 1930)

Hirata, Angela. (2002) *Nova divisão sexuada do trabalho?* São Paulo: Boitempo.

Hollway, Wendy & JEFFERSON, Tony (2000) *Doing Qualitative Research Differently: Free Association, Narrative and the interview Method*. London: SAGE.

Honneth, Axel. (2003) “Patologias da liberdade individual: o diagnóstico hegeliano de época e o presente”. Tradução de Luiz Repa. *Revista Novos Estudos CEBRAP*, n. 66, p. 77-90, jul. 2003.

Honneth, Axel (2009) *Luta por Reconhecimento: A gramática moral dos conflitos sociais*. São Paulo: Editora 34.

Hoffman, Christian & COSTA, Rosana M. (2014) “Alguns casos, nem neuróticos, nem abertamente psicóticos” In *Agora*, VOL XVII, no.2 jul/dez 2014. Rio de Janeiro. p.247-253.

Lacan, Jacques (1966-1967) *La Logique du Fantasme*. In: Staferla. URL=<http://staferla.free.fr/S14/S14%20LOGIQUE.pdf>

_____. (1998) “O Estádio do Espelho como formador da função do eu [Je] tal como nos revela a experiência psicanalítica”. In *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar. Originalmente publicado em 1949.

LACLAU, Ernesto (2005) “Populism: What’s in a Name?”. In: Francisco Panizza (Ed.) *Populism and the Mirror of Democracy*, London and New York: Verso.

Lago, Miguel (2021) “Batalhadores do Brasil...: só a reencarnação de Getúlio pode derrotar Bolsonaro”. In: *Revista Piauí*, 176, Maio 2021.

Laval, Christian & DARDOT, Pierre (2016) *A Nova Razão do Mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal*. São Paulo: Boitempo Editorial.

Mattias, Iser (2019) “Recognition”, *The Standard Encyclopedia of Philosophy*. (Summer, 2019 Edition), Edward N. Zalta (ed.) URL = <https://plato.stanford.edu/archives/sum2019/entries/recognition/>. Acesso em 15 /09/ 2020.

Mclean, Iain (1996) *The Concise Oxford Dictionary of Politics* (Ed). Oxford and New York: Oxford University Press.

Metzger, Clarice & Silva JR., Nelson da (2010) “Sublimação e pulsão de morte: A desfusão pulsional” In: *Psicologia USP*. São Paulo: Instituto de Psicologia, v. 21, n.3, set. 2010, pp. 567-83.

Meirelles, Renato & Athayde, Celso (2014) Um País chamado Favela: a maior pesquisa já feita sobre favela brasileira. São Paulo: Edita Gente, 2014.

Mouffe, Chantal (2005) “The ‘End of Politics’ and the Challenge of Right-wing Populism”. In: Francisco Panizza (Ed.) Populism and the Mirror of Democracy, London and New York: Verso.

Neri, Marcelo (2011) A nova classe média: o lado brilhante da base da pirâmide. São Paulo: Saraiva.

Nogueira, Cláudia M. (2009) “As trabalhadoras do telemarketing: uma nova divisão sexual do trabalho?”. In: Renato Antunes & Ruy Braga, Infoproletários: degradação real do trabalho virtual. São Paulo: Boitempo.

Panizza, Francisco (org.) (2005) Populism and the Mirror of Democracy. London and New York: Verso.

Parker, Ian (1997) Psychoanalytic Culture: Psychoanalytic Discourse in Western Society. London: SAGE

_____. (2005) “Lacanian Discourse Analysis in Psychology: seven theoretical elements”, Theory and Psychology, 15 (2) 2005, p. 163-182.

_____. (2014) Psychology After Discourse Analysis: Concepts, Methods, Critique. London: Routledge.

Paulino, Mario e Janoni, Alessandro (2018) “Bolsonaro é resiliente em classe que avançou com o lulismo”, Folha de S. Paulo 28/09/2018. URL = <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/09/Bolsonaro-e-resiliente-em-classe-que-avançou-com-o-lulismo>. Acessado em 6/05/2019.

_____. (2014) “Do método lacaniano crítico-teórico às suas reconfigurações prático-políticas em discursos concretos: questionamento da ideologia, compromissos do pesquisador e subversão do sujeito”. In Ferreira de Lima, Alduisio & Lara Júnior, Nadir (2014) Metodologias de Pesquisa em Psicologia Social Crítica. Porto Alegre: Sulina.

Pochmann, Marcio (2012) Nova Classe Média? O trabalho na base da pirâmide social brasileira. São Paulo: Boitempo Editorial.

Rocha, Natália (2013) Ser ou Não Ser: Nova classe média, consumo e comunicação. Dissertação de Mestrado, PUC-RJ.

Safatle, Vladimir (2020) Maneiras de Transformar Mundos: Lacan, política e emancipação. São Paulo: Autêntica.

Sennet, Richard (2003) The Fall of Public Man. Penguin Books Ltd. Kindle Edition.

Standing, Guy (2014) O Precariado: a nova classe perigosa. Belo Horizonte: Autêntica Editora.

Souza, Jessé (2010) Os Batalhadores Brasileiros: Nova Classe Média ou Nova Classe Trabalhadora? Belo Horizonte: Editora UFMG.

Venco, Selma (2009) “Centrais de Teleatividades: o surgimento dos colarinhos furta-cores?” In: Renato Antunes & Braga, Infoproletários: degradação real do trabalho virtual. São Paulo: Boitempo.

Wetherell, Margaret (2003) "Paranoia, ambivalence, and discursive practices: Concepts of position and positioning in psychoanalysis and discursive psychology." In: HARRE, R and MOGADDAM, F (eds) The Self and Others: Positioning Individuals and Groups in Personal, Political, and Cultural Contexts. Westport, CT: Praeger Publishers, 99–120.

_____. (2005) "Unconscious conflict or everyday accountability". *The British Psychological Society* 44(2): 169–173.

Zizek, Slavoj (1996) “O espectro da ideologia”. In: Slavoj Zizek. (org.) Um Mapa da Ideologia. Rio de Janeiro: Contraponto.

Anexo

Método e metodologia

Como o objetivo do artigo é explorar o processo de transição na posição de classe social no contexto do neoliberalismo, capturando a dimensão subjetiva do sofrimento, objetivamos desenvolver uma abordagem que nos permitisse identificar não apenas importantes formações discursivas, mas também compreender as razões pelas quais essas posições foram desenvolvidas pelos batalhadores brasileiros. Isso exigia uma integração da psicanálise e da análise do discurso. Tal imbricação, no entanto, foi tradicionalmente marcada por divergências entre os dois campos intelectuais. Resumindo um longo debate, as críticas psicanalíticas à análise do discurso centram-se na ênfase em um modelo comunicacional que enfatiza a objetividade e a neutralidade, desrespeitando os processos internos e, em particular, ignorando as razões pelas quais os indivíduos se tornam investidos em determinadas posições discursivas (Hollway&Jefferson,2000; Wetherell, 2005).

Os teóricos do discurso, no entanto, permanecem céticos em relação à psicanálise, sobretudo sobre os riscos de patologização e individualização dos participantes, além de insistirem na complexidade de delimitação de fronteiras entre o que é singular e 'inacessível' e o que está sujeito a aspectos culturais e sociais na constituição da psique (Parker, 1997; Wetherell, 2003). Apesar dessas divergências, há muita congruência entre a análise do discurso e a psicanálise do que talvez se reconheça, incluindo uma conceituação semelhante do sujeito como fragmentado e dinâmico e uma preocupação comum com a forma como são construídos por meio do discurso e em relação aos outros (Baker & Kelan, 2019: 76).

A base teórica que escolhemos para orientar os procedimentos metodológicos desta pesquisa é a Análise Lacaniana do Discurso (ALD), conforme formulada pelo psicólogo crítico Ian Parker (2005) e colaboradores (Pavon-Cuellar, 2014; Dunker, Paulon & Millan-Ramos, 2017). A ALD assume que a dimensão comunicacional da linguagem está sujeita a falhas bem como a determinações marcadas pelo contexto histórico e orientadas pelas relações de poder nas diversas sociedades.

O método lacaniano é um recorte do campo da análise do discurso, cujo contraste com as demais teorias do discurso reside na epistemologia adotada, amparada na perspectiva da psicanálise freudiana e do estruturalismo continental. Ela coloca em relevo, na metodologia de análise, formulações centrais da psicanálise de orientação lacaniana tais como o estatuto de sujeito; as noções de metáfora e metonímia; de enunciado e enunciação, além dos conceitos de significante-mestre e de objeto a. A ALD também se distingue porque coloca em ação a diagnóstica e a terapêutica psicanalíticas, operando a análise do discurso a partir das categorias do negativo, tais como a falta, o furo, o corte, aquilo que impede a produção de um fenômeno. Busca-se assim, no plano metodológico - e de forma homologa à clínica psicanalítica - singularidades e heterogeneidades nas investigações produzidas por analistas:

Uma boa pesquisa leva em consideração estudos prévios, mas se recusa a simplesmente replicar o método na sequência de passos que obedecem a uma matriz fixa de critérios, que obedecem a uma forma como a Psicologia define o seu objeto (Parker, 2014, p. 61).

Outro ponto que merece destaque na ALD é a constituição do objeto empírico da pesquisa, que diz respeito à constituição daquilo que em ciências da linguagem veio a se chamar de corpus. O *corpus* costuma ser definido como um conjunto de textos escritos

ou falados em língua disponível para análise. Uma afinidade entre a psicanálise como método terapêutico e como método de análise de discurso é que, em ambos os casos, prevalece a heterogeneidade das partes constituintes de um determinado corpus. Os métodos clínicos tradicionais não são incompatíveis com a psicanálise em função de diferenças epistemológicas de base, mas porque eles constituem corpora discursivos inabordáveis, ou nas palavras de Freud, excessivamente homogêneos (Dunker, Paulon & Millan-Ramos, 2017).

Nesta pesquisa, procedemos de modo a reunir o material coletado por meio de métodos heterogêneos (entrevistas, *surveys*, depoimentos publicados) em um *corpus* discursivo relativo às modalidades de expressão do sofrimento no Brasil. Nossa pesquisa (re)descreve as modalidades de sofrimento e, na sequência, propõe uma tipologia que seja capaz de trazer à tona os sintomas pertinentes do discurso dentro de cada forma de sofrimento. Para alcançar esse objetivo, desenvolvemos uma estrutura de dois níveis de interpretação de dados. Na primeira delas, trabalhamos com uma superfície do discurso suportada pela *descrição* do sofrimento. A segunda estratégia consistiu em um outro plano discursivo, que trata da *narrativação* do sofrimento.

Primeiramente, na análise de superfície, lemos as transcrições e ouvimos as entrevistas com o objetivo de decompor as informações em blocos analisáveis. Estávamos particularmente interessados em entender como os participantes se basearam em metáforas e analogias para simbolizar suas vidas psíquicas. Neste ponto, seguimos uma abordagem qualitativa iterativa típica de atribuir diferentes partes de uma entrevista, transcrever um ou mais códigos, como 'ansiedade', 'medo' e 'preocupação', e então desenvolver novos códigos e eliminar códigos antigos em novos. Esses códigos correspondiam a categorias ou temas que apareceram de modo repetitivo na bibliografia existente sobre as classes médias, em especial sobre a ascensão econômica de novos tipos sociais, categorias tais como 'exploração', 'gênero', 'conflito entre gerações', 'estética ou distinção', 'trabalho' e 'consumo'.

O segundo nível de interpretação envolveu a análise das interações subtextuais, particularmente a identificação de formas de mal-estar e sofrimento, e o teor afetivo evocado nesses relatos. Estávamos, portanto, preocupados em identificar como as relações com os outros eram construídas discursivamente, e o significado afetivo dessas relações. Para isso, procuramos narrativizar o sofrimento dos integrantes da pesquisa de modo a permitir que o narrador se depare com as zonas de negação, de heterogeneidade, de invisibilidade e de estranhamento, dentro da experiência de investigação.

Citação/Citation: Di Martino, M. Dunker, C. I. L. (2023). *Sufrimento e Identificação no Neoliberalismo: os batalhadores brasileiros e a "virada conservadora" nas eleições presidenciais de 2018*. Trivium: Estudos Interdisciplinares (Ano XV, no. 2.), pp. 65-84.

Recebido em: 12/09/2023
Aprovado em: 05/11/2023